



XVII JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS

Ponta Grossa, PR, 23 a 25 de outubro de 2019.

ENTRE LAZERES, SILÊNCIOS, SILENCIAMENTOS, DIÁLOGOS, ENTRETENIMENTOS E TECNOLOGIAS DIGITAIS: A “VOZ” E A “VEZ” DOS LIVROS FÍSICOS IMPRESSOS NA ESCOLA DA VIDA E NA VIDA NA/DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E UNIVERSIDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Luiza Helena Costa Neves¹
Marcos Pereira dos Santos²

Resumo: *O presente trabalho acadêmico-científico tem como principal finalidade trazer a lume alguns apontamentos crítico-reflexivos acerca do(s) lugar(es) ocupado(s) pelos livros físicos impressos em geral (didáticos, paradidáticos, de literatura, dentre outros) na escola da vida e na vida na/da escola de Educação Básica e universidade brasileira contemporânea. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa científica bibliográfica, de abordagem metodológica qualitativa, no intuito de explicitar, inclusive com base em experiências profissionais dos autores deste estudo científico, a “voz” e a “vez” dos livros impressos dentro e fora do âmbito educativo escolar e acadêmico/universitário nos dias atuais, haja vista que os mesmos se encontram (des)alocados entre lazeres, silêncios, silenciamentos, diálogos, entretenimentos e tecnologias digitais de informação e comunicação.*

Palavras-chave: *Livro Físico Impresso. Escola de Educação Básica. Educação Superior.*

Introdução

Livros, por que (não) os quero?

Dentre todas as formas de informação e comunicação já existentes na história da humanidade, desde os primórdios da Grécia antiga até os dias atuais, os livros em geral, sejam eles nos formatos de papiros, pergaminhos ou nas versões impressas (livros físicos) e/ou digitais (livros eletrônicos ou *on-line*), têm ocupado um lugar de destaque no cenário educacional (SCHAUN, 2002), sendo alvo de elogios e críticas contundentes que se apresentam de maneira bastante sazonal, dadas as políticas públicas sociais e educacionais, os interesses das classes dominantes do poder (elites dirigentes) e as necessidades mais emergenciais de cada época histórica.

Face a estas questões norteadoras, optamos por desenvolver este estudo científico, procurando dar “voz” e “vez” aos livros físicos impressos em geral (didáticos, paradidáticos, de literatura, dentre outros), de modo deveras particular, uma vez que os mesmos (ainda) se encontram muito presentes na *escola da vida e na vida nas/das escolas de Educação Básica e universidades brasileiras dos dias atuais*, disputando, acirradamente, espaços e territórios com *lazer*es, *silêncios*,

¹ Graduada em Tecnologia em Administração de Empresas Rurais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). Assistente administrativa lotada na Livraria Universitária da UEPG/PR – Câmpus Central. Residente em Ponta Grossa/PR. *E-mail:* lhcnaves@uepg.br

² Doutor em Teologia pela Faculdade de Educação Teológica Fama (FATEFAMA/AP). Professor adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ) junto a cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. *E-mail:* mestrepedagogo@yahoo.com.br

silenciamentos, diálogos, entretenimentos e inúmeras tecnologias digitais de informação e comunicação.

Objetivos

- Compreender os livros físicos impressos como processos-produtos e artefatos históricos, socioculturais e educacionais.
- Realizar um estudo científico qualitativo concernente ao(s) lugar(es) ocupado(s) pelos livros físicos impressos em geral (didáticos, paradidáticos, de literatura, dentre outros) na escola da vida e na vida na/da escola de Educação Básica e universidade brasileira contemporânea.
- Analisar de forma crítico-reflexiva, a partir de aportes teóricos bibliográficos, as potencialidades, possibilidades e limitações dos livros impressos em geral dentro e fora do âmbito educativo escolar e acadêmico/universitário nos dias atuais.

Metodologia

Visando atingir os objetivos (gerais e específicos) norteadores elencados, o presente estudo acadêmico-científico foi desenvolvido no contexto de uma abordagem metodológica qualitativa de pesquisa científica, de viés essencialmente bibliográfico, utilizando-se, para tanto, de materiais impressos alusivos à temática em foco, tais como livros científicos, ensaios e artigos acadêmicos, e monografias de cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização), os quais foram redigidos por renomados(as) estudiosos(as) e pesquisadores(as) das áreas de Educação, Pedagogia, Literatura, Educomunicação, Cultura Material Escolar, História da Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Convém ressaltar que a escolha pela metodologia qualitativa de investigação científica deve-se ao fato de que:

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o *contexto*. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual/natural de ocorrência. Isto porque, a *investigação qualitativa é descritiva* e agrupa diversas estratégias de pesquisa que partilham determinadas características: os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens, e não de números. [...] Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados recolhidos são designados por *qualitativos* porque são ricos em *pormenores descritivos relativos a pessoas, locais e conversas*; o que inclui transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam *analisar os dados em toda a sua riqueza*, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que esses foram registrados ou transcritos. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.16-48; grifos nossos)

De modo análogo, optamos pela adoção da pesquisa científica de tipo bibliográfica tendo em vista, de acordo com Gil (2002), que esta é indispensável nos estudos históricos, sobre ideologias e na análise das diversas posições acerca de um problema de estudo científico, permitindo ao(à) investigador(a) a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Resultados parciais e discussão

A pesquisa científica ora realizada demonstrou que os livros físicos impressos em geral (ainda) ocupam um lugar privilegiado no âmbito educacional, conforme postula Schaun (2002), tanto na escola da vida quanto na vida nas/das escolas de Educação Básica e universidades brasileiras de todos os tempos históricos, isto é, desde a Grécia antiga (com os livros em papiros, pergaminhos e códices) até os dias de hoje (com os livros nas versões impressa e digital/eletrônica/*on-line*).

Isto se deve ao fato de que os livros impressos continuam sendo bastante aceitos pelas pessoas em geral, pois eles trazem em seu bojo informações, conhecimentos e saberes científicos úteis para o ensino, a aprendizagem e a vida em sociedade. São, outrossim, processos-produtos e artefatos históricos, socioculturais (BELLEI, 2002; CHARTIER, 1998) e educacionais (SCHAUN, 2002) que abarcam ideologias e ideologizações (FARIA, 1985), concepções, ideias, valores (éticos, morais, etc.), filosofias de vida, cultura no plural (CERTEAU, 2001), pensamentos, opiniões, conjecturas, analogias, constructos histórico-sociais, interesses (particulares/individuais e coletivos), demandas, discursos, identidades culturais, autoria(s), autoridade científica, análises, críticas, reflexões e interpretações de diferentes naturezas, matizes, facetas e nuances.

Embora alguns(mas) pesquisadores(as) oriundos(as) das áreas de Educação, Literatura e Cultura Material Escolar, a exemplo de Bellei (2002), cogitem a possibilidade de extinção dos livros físicos impressos num futuro bastante próximo, tendo em vista o advento das novas tecnologias digitais de informação e comunicação, estes, no atual século XXI, ainda têm sido muito utilizados pela população em geral dentro e fora das escolas de Educação Básica (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio) e das universidades brasileiras.

Contudo, os livros físicos impressos apresentam potencialidades, possibilidades e limitações didático-pedagógicas, metodológicas e editoriais que precisam ser levadas em consideração quando comparadas com os aspectos positivos e negativos atinentes a outros materiais impressos e ferramentas digitais/eletrônicas *on-line*, a saber; respectivamente: apostilas escolares, manuais, enciclopédias, gibis, revistas, jornais, dicionários, anuários estatísticos, almanaques, livros virtuais (*e-books*), redes sociais em geral (*instagram, orkut, facebook, twitter, messenger*, etc.), Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), bibliotecas eletrônicas, jogos digitais, dentre outros inúmeros aparatos tecnológicos similares.

“Os livros impressos contêm história, filosofia(s) de vida, contextos, culturas múltiplas, ensinamentos, aprendizagens, conceitos, definições, informações, conhecimentos e saberes científicos deveras úteis para o mercado de trabalho e a vida social” (FREITAG; COSTA; MOTTA, 1989, p.73), devendo, portanto, serem mais valorizados e utilizados de forma eficaz e eficiente para a conquista de um ensino e de uma aprendizagem com maior qualidade e significado para educadores(as), educandos(as) e demais pessoas em geral que são, direta ou indiretamente, os(as) seus(suas) usuários(as) e/ou leitores(as).

Entretanto, o(s) seu(s) (des)uso(s), dentro e/ou fora da escola, principalmente no que tange aos livros didáticos e paradidáticos na versão física/impressa, precisa(m) ser urgentemente (re)pensado(s), a fim de que eles não sejam se tornem obsoletos, configurando-se como mera ‘venda de ilusões’, forma(s) de censura ou ‘arma pedagógica’; segundo o que assevera Souza (1999).

Livros, em suma, são vida, arte(s), técnica(s), filosofia(s), cultura(s), vivência(s), experiência(s), experimento(s) e um cabedal de inúmeros outros

constructos idealizados, pensados, transcritos e publicados para domínio público e utilização em todos os tempos históricos, épocas, lugares, regiões, territórios e nacionalidades, de modo a não haver barreiras e nem fronteiras para o seu acesso, manuseio e apreensão de conhecimentos erudito-científicos.

Considerações finais

Diante do exposto, observa-se que o tema de investigação científica em pauta é de fundamental importância para a contemporaneidade, sendo um assunto em torno do qual gravitam acirrados debates, discussões, análises, interpretações, reflexões, críticas e elogios de toda ordem. Trata-se, pois, de uma temática atual, polêmica, interessante e instigante que merece ser cada vez mais estudada e pesquisada cientificamente por profissionais oriundos(as) de diferentes campos do saber científico.

Dizemos isto, porque os livros físicos impressos em geral (didáticos, paradidáticos, de literatura, dentre outros) apresentam muitas potencialidades, possibilidades e limitações (mazelas/agruras), desafios e perspectivas existenciais quanto aos seus usos, desusos e abusos dentro e fora dos espaços educativos escolares e acadêmico-universitários.

Grosso modo, os livros impressos se encontram (des)alocados entre lazeres, silêncios, silenciamentos, diálogos, entretenimentos e tecnologias digitais de informação e comunicação; merecendo, nesse sentido, de acordo com a concepção de Santos (2003), serem ressignificados e redimensionados à luz de modernas teorias educacionais, a exemplo da pedagogia histórico-crítica (ou crítico-social dos conteúdos), do mercado editorial, da cultura escolar e da cultura da escola.

Referências

- BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Lisboa: Editora Porto, 1994. (Coleção Ciências da Educação – v.12).
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001. (Coleção Travessia do Século).
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2.ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- FARIA, A. L. G. **Ideologia no livro didático**. 3.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.7).
- FREITAG, B.; COSTA, W. F.; MOTTA, V. R. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989. (Coleção Educação Contemporânea).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- SANTOS, M. P. **A utilização do livro didático sob o olhar dos professores de matemática de 8ª série do ensino fundamental**. Ponta Grossa, 2003. 168 f. (Monografia de Especialização em Matemática: dimensões teórico-metodológicas – Universidade Estadual de Ponta Grossa). *mimeo*.
- SCHAUN, A. **Educomunicação**: reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SOUZA, D. M. Livro didático: arma pedagógica? In: CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Editora Pontes, p.93-103, 1999.